



RESENHA

SHIVA, Vandana. **Who really feeds the world? – the failures of agribusiness and the promise of agroecology**. Berkeley/California: North Atlantic Books, 2016.

José de Ribamar Sá Silva¹

DOL: <http://dx.doi.org/10.18764/2178-2865v30n1e29619>

“Sejamos a mudança que queremos ver e contribuamos, cada um de nós, para a transição de um sistema alimentar tóxico para um sistema alimentar vivo. Nenhum agricultor deveria cometer suicídio. Nenhuma criança deveria morrer de fome. Ninguém deveria adoecer por causa da comida”. Com essas frases fortes Vandana Shiva conclui “Who really feeds the world?”, uma obra magnífica, publicada nos EUA em 2016 e que, passada uma década, lamentavelmente para o público brasileiro, não está disponível uma edição em português.

Desde o lançamento do livro até os dias atuais, o cenário planetário que a autora discute tem se aprofundado quanto à gravidade dos impactos provocados pelo modo de exploração dos recursos naturais e sua consequente ameaça à própria existência da espécie humana. A FAO estima que 673 milhões de pessoas vivem em insegurança alimentar grave atualmente. A crise ambiental global avança. Cerca de 2/3 dos oceanos e 3/4 da superfície terrestre se encontram alteração pela ação humana. Enquanto isso, as exportações do agronegócio no mundo seguem movimentando cifras bilionárias.

Doutora em Filosofia da Ciência, Vandana Shiva é uma cientista indiana internacionalmente premiada, especialmente por sua atuação enquanto intelectual militante ambientalista e defensora da justiça econômica, da soberania alimentar e de igualdade de gênero. Entre suas mais de vinte premiações internacionais, destacam-se: *The Right Livelihood Award*; *The Global 500 Award*; *The Earth Day International Award*; *The Order of the Golden Ark*; *The Fukuoka Prize*; *The John Lennon-Yoko Ono Grant for Peace*; *The Sydney Peace Prize*; *The Calgary Peace Prize* e *The MIDORI Prize for Biodiversity*. A Dra. Shiva também integra diversos fóruns internacionais, como

¹ Professor titular da Universidade Federal do Maranhão. Bacharel em Ciências Econômicas, especialista em Metodologia do Ensino Superior, mestre em Economia Rural e doutor em Políticas Públicas. Fez estágio de pós-doutorado na Middlesex University/Reino Unido. Docente e pesquisador do PPG Políticas Públicas, do PPG Desenvolvimento Socioeconômica, da Coordenação de Ciências Econômicas e colaborador da Licenciatura em Educação do Campo. E-mail: jose.sa@ufma.br.

o *World Future Council* e o *International Forum on Globalization*. Fundadora da *Research Foundation for Science, Technology and Ecology*, sediada em Nova Dheli, e do movimento Navdanya de promoção da biodiversidade e da agricultura orgânica, Vandana é autora de duas dezenas de livros, a exemplo de: *Staying Alive: women, ecology and development* (1988); *The Violence of the Green Revolution* (1991); *Stolen Harvest: the hijacking of the global food supply* (2000); *Earth Democracy: justice, sustainability and peace* (2005); *Soil Not Oil: environmental justice in an age of climate crisis* (2008); *Making Peace with the Earth* (2013); *Who Really Feeds the World?: the failures of agribusiness and the promise of agroecology* (2016); *Oneness vs. the 1%: shattering illusions, seeding freedom* (2018); *Agroecology and Regenerative Agriculture: sustainable solutions for changing climate* (2022); *Monocultures of the Mind* (1993); *Biopiracy: the plunder of nature and knowledge* (1997); *Water Wars: privatization, pollution and profit* (2002); *Terra Viva: my life in a biodiversity of movements* (2022) e *Ecofeminism* (1993, em coautoria com Maria Mies) – os cinco últimos foram publicados também no Brasil.

Sua formação em Física lhe proporciona os fundamentos científicos e sua militância garante a legitimidade de sua crítica profunda e da firme denúncia que Vandana sempre fez do caráter predatório da monocultura empresarial, que é baseada em desmatamento, modificação genética das plantas e massiva aplicação de substâncias químicas. Em *Who really feeds the world*, Dra. Shiva não apenas desvela a realidade por trás da névoa que encobre o mundo do agronegócio, como também apresenta, de forma didática e fundamentada, a transição agroecológica como o caminho possível e inadiável para um futuro sustentável da vida na Terra. Na Introdução da obra, ela inicia nos alertando sobre a gravidade da crise planetária gerada a partir forma como produzimos, processamos e distribuimos os alimentos: “O bem-estar do planeta, a saúde das pessoas e a estabilidade das sociedades estão gravemente ameaçados por uma agricultura industrial globalizada, movida pela ganância e pelo lucro”. Porém, ela nos mostra que, “hoje, uma alternativa tornou-se um imperativo para a nossa sobrevivência, então vamos começar fazendo a pergunta: ‘Quem alimenta o mundo?’” (p. 7)

Na busca de compartilhar respostas para essa questão, ao longo de pouco mais que 160 páginas (edição original), a autora desenvolve oito afirmativas didaticamente organizadas em forma de capítulos, para elucidar suas percepções e proposições sobre o funcionamento do sistema alimentar globalizado e sobre a necessária produção de alimentos para a vida.

A primeira afirmativa é que “**a agroecologia alimenta o mundo, não um paradigma de conhecimento violento**”. Aqui a autora explicita que o “alimento” é “a teia da vida”, pois dele se constroem e se nutrem nossas células, nosso sangue, nossa mente, nossa cultura e nossa identidade, e o “mundo” é a Mãe Terra, a Gaia, o planeta vivo, que se enriquece com a diversidade de seres, ecossistemas, povos e culturas – “então são as contribuições da biodiversidade, da compaixão e do

conhecimento e inteligência dos pequenos agricultores que alimentam o mundo”. “Os alimentos são produzidos pelo solo, pela semente, pelo sol, pela água e pelo agricultor, todos interagindo entre si. Os alimentos incorporam relações ecológicas, e o conhecimento e a ciência das interações e interconexões que produzem os alimentos são chamados de agroecologia. A agroecologia nos alimenta” (p. 15).

A segunda afirmativa é que **“o solo vivo alimenta o mundo, não os fertilizantes químicos”**, em que a autora demonstra que a produção de alimentos depende da fertilidade do solo, que, por sua vez, resulta da interação dos bilhões de organismos que formam a teia alimentar do solo. A biodiversidade e os solos ricos em matéria orgânica ajudam a conservar da água, vital para os seres existirem. “O solo torna-se como uma esponja, que pode absorver mais água, reduzindo assim o consumo de água e também contribuindo para a resiliência às mudanças climáticas. O solo vivo nos alimenta” (p. 30).

A terceira afirmativa dá conta que **“abelhas e borboletas alimentam o mundo, não venenos e pesticidas”**, a partir da qual a autora ressalta o imprescindível papel dos polinizadores para que as plantas produzam e se reproduzam. “O ciclo das sementes, sejam elas de árvores nas florestas ou de culturas que compõem os alimentos que consumimos, depende dos ciclos de polinização” (p. 39). Os polinizadores são eliminados pelos agrotóxicos e sua existência depende da conservação da biodiversidade, o que é discutido na quarta afirmativa: **“A Biodiversidade Alimenta o Mundo, Não as Monoculturas Tóxicas”**. “Alimentar o planeta significa sustentar a integridade e a diversidade da teia alimentar: do solo aos oceanos, dos microrganismos aos mamíferos, das plantas aos seres humanos. O sistema alimentar não está fora da natureza e da Terra. A natureza, ao contrário do que a agricultura industrial nos diz, está muito viva, e sua diversidade nos alimenta” (p. 15). “Dadas as rápidas mudanças e crises em nosso sistema alimentar, há uma necessidade urgente de monitorar os custos ecológicos da globalização da agricultura usando uma estrutura de produtividade baseada na biodiversidade para refletir a saúde da economia da natureza e da economia das pessoas” (p. 61).

A quinta afirmativa é que os **“pequenos agricultores alimentam o mundo, não as grandes fazendas industriais”**. Agricultores fazem melhoramento das plantas, são guardiões de sementes, conservam o solo, preservam a água e, sobretudo, são produtores de alimentos. Apesar de terem acesso a apenas 30% dos recursos, os pequenos agricultores fornecem 70% dos alimentos do planeta. As famílias de agricultores nos alimentam.

A sexta afirmativa enuncia que **“a liberdade das sementes alimenta o mundo, não a ditadura das sementes”**, uma vez que o primeiro elo do sistema alimentar é a semente, sem a qual, portanto, não se produz alimento. “Sem diversidade de sementes, não há diversidade de alimentos e

nutrição, o que é vital para a saúde. Sem diversidade de sementes, não há resiliência climática em tempos de caos e instabilidade climática” (p. 73).

A sétima afirmativa é que **“a localização alimenta o mundo, não a globalização”**. A autora reafirma o princípio de que alimento não é mercadoria comum, que pode ser fabricada em um lugar e vendida em qualquer outro lugar do mundo. “Cada ser humano se relaciona com a comida de forma diferente, e cada cultura ou localidade produz seu próprio alimento. Como todos precisam comer, a soberania alimentar local é a chave para a segurança alimentar: a produção local nos alimenta” (p. 16). Vandana nos conclama a “urgentemente conceber uma transição de um paradigma de globalização para um paradigma de localização. Isso não significa o fim do comércio internacional. Mas significa priorizar o local. Significa a desmercantilização dos alimentos para reivindicar a comida como nosso ser, nosso alimento, nossa identidade e nosso direito humano” (p. 106).

A oitava afirmativa, por sua vez, destaca que **“as mulheres alimentam o mundo, não as corporações”**. Vandana nos lembra que as mulheres, tradicionalmente, são as guardiãs dos saberes ancestrais, capazes de manusear sementes, biodiversidade, solo e água, com base nas leis da natureza e da ecologia, que é a base da produção de alimentos para a vida. “As mulheres possuem vasto conhecimento sobre sementes, biodiversidade e nutrição. O conhecimento que rege a alimentação feminina não é mecanicista, não é reducionista e está profundamente enraizado nos princípios da agroecologia” (p. 109).

O capítulo final do livro é dedicado a indicar caminhos para superação do modelo predatório da exploração dos recursos naturais e de produção de alimentos. A autora alerta que “estamos em um momento decisivo em termos do futuro interconectado da alimentação, das pessoas e do planeta” (p. 121). E segue argumentando que, “se continuarmos no caminho da agricultura industrial, dos transgênicos, dos produtos químicos tóxicos e do controle corporativo, quaisquer benefícios que eles possam trazer serão ilusórios. Haverá uma ilusão de mais alimentos por meio da conversão de terras agrícolas em espaços de produção de monoculturas. Haverá uma ilusão de prosperidade com maior fluxo de dinheiro, embora a maior parte do dinheiro esteja se afastando dos agricultores à medida que suas sementes, terras e água se tornam mercadorias, à medida que sua dependência de insumos caros aumenta e sua dependência de alimentos comprados cresce” (p. 121).

Em contraposição, outra agricultura é desenvolvida com respeito à diversidade, democracia e descentralização, que fornece atualmente cerca de 70% dos alimentos. A abrangência dessa agricultura pode ser ampliada para 100% do fornecimento de alimentos. Vandana destaca que “por meio desse processo, podemos curar e revitalizar o planeta, trazer prosperidade aos agricultores e ao campo, acabar com a crise agrária e o deslocamento, melhorar a saúde, a nutrição e o bem-estar das pessoas, aumentar as oportunidades de subsistência e criar economias mais justas, robustas e

resilientes” (p. 121 - 122). A transição para essa realidade é proposta pela autora em nove dimensões: 1) a transição da ficção para a realidade; 2) a transição ciência mecanicista e reducionista para uma ciência agroecológica baseada em relações e interconexões; 3) a transição da semente como “propriedade intelectual” de corporações para a semente como algo vivo, diverso e em constante evolução para a condição de semente como bem comum, fonte de vida; 4) a transição da intensificação química para a intensificação da biodiversidade e a intensificação ecológica, e das monoculturas para a diversidade; 5) a transição da pseudoprodutividade para a produtividade real; 6) a transição da comida falsa (produto alimentício) para a comida verdadeira, da comida que destrói nossa saúde para a comida que nutre nossos corpos e mentes; 7) a transição da obsessão pelo “grande” para o cultivo do “pequeno”, do global para o local; 8) a transição de preços artificiais, manipulados e fictícios baseados na Lei da Exploração, para preços reais e justos baseados na Lei do Retorno e 9) a transição da falsa ideia de competição para a realidade da cooperação.

Vandana Shiva ressalta que a transição não é mera utopia, uma vez que os processos estão realmente emergindo em todo o mundo. É realidade um novo sistema alimentar vivo, baseado em sementes vivas, solo vivo, alimentos vivos e agricultores vivos. A autora menciona como exemplo a própria experiência do movimento Navdanya, liderado por ela desde a década de 1990. A coerência e grandeza das contribuições da mulher, da pensadora, da cientista e da ativista Vandana, são a maior credencial para a proposição de transformação radical do sistema alimentar globalizado. A consolidação da soberania alimentar, o avivamento das economias locais, a dinamização do viver em cooperação e em interação com as demais formas de vida, são necessidades inevitáveis para a caminhada evolutiva da nossa espécie. Como assevera a autora: “A extinção não precisa ser o nosso destino”. Porém, lembrando as frases com que a autora iniciou este livro, nós temos que ser a mudança que queremos ver e, assim, contribuir para a transição de um sistema alimentar tóxico para um sistema alimentar vivo, no qual nenhum agricultor tenha que cometer suicídio, nenhuma criança morra de fome e ninguém adoça por causa da comida que come!